

1.º Anno

N.º 5

Revista quinzenal Illustrada

Litteratura e critica

ALA-MODERNA

Redacção, administração e typographia

R. de Payo Galvão—Typ. Minerva Vimaranesse

Editor responsavel

Antonio de Castro Martins

Guimarães, 25 de Setembro de 1903

Proprietario e administrador

Antonio Dantas

ANTONIO CARVALHAL

Gonsalves-Dias



Gonsalves-Dias

1832-1902

Lá foi, como um romeiro, a longes terras,
Coração leve e cheio de esperança,
Em busca da divina aventura
Que dá paz ao Amor, e vence guerras.

Por valles sempre em flor, por montes, serras,
Caminha noite e dia, sem tardança,
Levando no seu peito a confiança
Do immenso bem, que tu, Amor, encerras.

Partiu para te vêr, Terra-Bemditada,
Lindo paiz de Sonho e de Illusão,
Onde a Ventura eternamente habita...

Partiu o triste Moço enamorado,
Olhos fitos na summa Perfeição,
Em busca do Ideal tão desejado...

ALFREDO GUIMARÃES

Gonsalves-Dias

Agora, que esta estação amarellada do outômno arrasta dolorosamente pelas estradas frias e solitárias as primeiras folhas seccas, numa desolação enferma, começa a nossa alma, á qual a pay-sagem transmite o seu ar de magreza e de saudade, a evocar a memoria dos que partiram, os quaes um sonho pesado e mysterioso fez esquecer de que a todas as horas os lembramos, quasi com a esperanza de que os seus ossos frageis ainda mais uma vez apertam os nossos, n'essa alegria triste de quem dolorosamente se abraça...

E os mortos, frios e pallidos, emquanto o vento grita revoltado por sobre as campas rasas e humildes, quedam-se serenos e silenciosos na paz da Terra, numa quietude que nos fecunda os nervos, sem responderem ás nossas palavras mansas, e á saudade tristissima das nossas lagrimas...

Gonsalves-Dias pertence ao numero dos mortos que todos nós choramos piedosamente. Quem, como Elle, deu um livro no qual a frescura da paysagem e as tristezas de certos amôres malaventurados se casa bem ao viço dos corações honestos e dos labios mais aflorados das raparigas, — um livro de paixões e de consolos — tem sempre, quando a morte o cõlha, quem o chore com a amarga certeza do seu exilio.

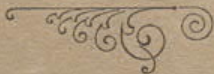
As *Tellas Rusticas* ficam bem ao lado dos *Meus Amôres*, como o vôo modesto e feliz duma ave nova, que, se a morte não inutilisasse, seria um rival glorioso de Trindade Coelho.

Não só o livro de contos com a *Serenata*, *O Crime d'um jesuíta* e a *Carta a Alguem* affirmam o talento e o trabalho quasi continuo de Gonsalves-Dias; — as revistas litterarias *Os Bohemios*, *O Rosmaninho* e a *Germinal*, estão ahí a expôrem o talento, e a camaradagem lhana do saudoso Poeta com quasi toda a ultima geração portugueza.

Portugal deve-lhe um grande serviço prestado em favôr da divulgação da sua Arte na terra brazileira.

E agora que o outômno, com o tédio doloroso das cidades e dos campos, me faz pensar nos mortos, eu evoco á saudade da minha alma o espirito delicado de Gonsalves-Dias, pedindo á mocidade intellectual da minha patria que não esqueça o nome modesto do Morto, um grande talento infelizmente evolado.

M.C.M.III.



JULIO DANTAS

A UM, QUE NÃO TEM CULPA DE VIVER

Imperfeições de Deus... E' a verdade.
Ou, dizendo melhor, — crimes de Deus.
Essa tua grotesca enfermidade
Herdaste-a tu, dos teus.

Aquelle que do assento alto e sagrado
Tudo deve prever e tudo vêr,
Deixou florir um beijo envenenado
E deixou-te nascer.

Um vestido de bôbo, precioso,
Pobre aleijado, havia de ir-te bem...
— Como Deus foi cruel e criminoso
Não fazendo infecunda a tua mãe!

1901.

(INÉDITO)



ALFREDO PIMENTA

FALLA AO MAR

Eu bem entendo a tua queixa rouca
Q. lanças n'um delirio p'ros espaços:
Tu queres beijar, mas não te deram bocca!
Queres abraçar, mas não te deram braços!

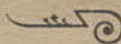
Eu bem conheço o tédio q. provoca
Teó rancôr, muita vez, e teos cansaços:
Tu não tens corpo, mas tua Alma louca
A *Alguem* q. foje, quer seguir-lhe os passos!

Vai soluçando, ó Mar, vai soluçando
Esse threno de magoas, miserando,
Até quebrares a cupula dos ceos...

Vai rezando teus canticos d'amor,
Q. a Natureza, ouvindo a tua dôr,
Ha-de fazer-te mais do q. fez Deus!

Povoá de Varzim, 27—Agosto, 1903.

(INÉDITO)



JOÃO PENHA

A blasphemia

«Faz-me, me disse a angelica menina,
Uns versos amorosos, mas jocundos.»

*

NO SEU ALBUM

«Tu, que na omnipotente mão divina
Trazes suspensos no infinito os mundos,

«Perdoa-me a blasphemia temerosa!
Prêso d'um louco amor nos brandos laços,
Antes beijar-lhe o pé, de lírio e rosa,
Do que beijar o... do Senhor dos Passos!»

8—IX—03.

(INÉDITO)

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO

Prologo

PRIMEIRA CARTA

a Silva Pinto

Meu amigo :

Escrevo-te de longe, muito longe, perdido nos confins d'este meu bairro, onde só muito fraco chega o rumor da grande cidade. De que te hei-de fallar? Da vida? Pois seja. Tu vens para ella, para o immenso *brouhaha*. A vida é a escola do cynismo. Trazes coração? Esmaga-o ao entrar como uma coisa que nos compromette, que nos avilta. Se acaso és bom — tolice — não venhas. Aqui, para triumphar, é preciso ser mau, muito mau. Sê mau, cynico, hypocrita, e persistente que vencerás. Serás aclamado, respeitado e invejado. Ri do Bem e da Virtude, da Alma e do Sentir. Ri de tudo, que é preciso que rias. Abafa um protesto com um sorriso, uma agonia com uma gargalhada, um estertor com uma praga. Sê polido, meu amigo. Encobre a raiva sob o riso, e o riso sob o pesar.

Sê mau, sobretudo. Se a alma compromette estrangula-a, se o riso desmascara suffoca-o, se o choro atraíção, esfibrina-o ás gargalhadas.

Não ames nem creias. Todo o homem que ama é homem perdido, e todo aquelle que crê nunca será ninguém. Odeia sempre. Odeia os que sobem e os que pretendem subir, odeia os que subirem e os que um dia subirão. Odeia todos e desconfia. Lembra-te que o Odio dá mais prazeres do que o Amor. A satisfação de ver agonisar um Canalha, quer elle seja um martyr, quer elle seja um ladrão, é maior que a de sentir os braços opulentos d'uma mulher que se entrega. E' menos um! Sê pois forte como o diamante e como o odio.

No Amor — gentil comedia — sê prodigo, e sobretudo nunca ames uma só mulher. Se és bom serás ridiculo, se és mau serás temido. Sê mau sempre. Este farrapo a que se chamou vida foi, é, e ha-de ser sempre assim.

Tudo é egoismo. Se és bom morrerás como Christo, se és tolo morrerás como Judas, se és mau — meu amigo — serás lembrado como Satan. Vem, mas vem cynico. Triumpharás, terás oiro, amantes, mulheres, o Diabo. Acredita que metade da humanidade nasceu para se rojar pela lama, para que tu, eu, todos os maus, todos os cynicos, os esmagassemos e lhes cingissemos fraternalmente as carnes com um chicote. Depois da morte ha o Nada. Portanto meu caro, aquelles que o sabem o que pensam é em sugar a vida com um furor de agiotas sem entranhas. Isto é como no mar; já Shakespeare dizia que «o mugem vive para ser tragado pelo lucio».

Ou serás vencido ou vencedor. Se vencido esperam-te todas as humilhações desde o desprezo até á compaixão: Se vencedor todos os triumphos desde o respeito ao Capitulo. Lucta sempre calado, fino, sabido, que, se não tens geito para isto serás um enucho eterno, castrado para a Vida, para o Amor e para o Sonho. A raiva tambem tem o seu gozo, o Odio tambem tem o seu amor. E o amor do Odio é maior porque é mais forte.

Não poderás gozar, e serás mais desprezado do que uma serapilheira que o uso condemnou.

A Carne é materia como a rocha, a rocha é materia como a flor. Da mulher honesta á prostituta não ha differença, a distancia d'uma á outra é nulla.

Não beijam ambas? Uma por um prazer, outra por precizão. Pois meu caro, eu prefiro a prostituta sempre.

Acredita que todos se vendem, homens e mulheres, palhaços e imperadores, christos e mendigos, a questão é de preço e o preço suffoca todas as consciencias, todas as revoltas. Acredita que falta quem compre toda a gente que as quer vender. A mulher mais honesta capitula, e aquillo a que tu chamas acaso chamo eu persistencia, e a persistencia gasta a vida como a agua gasta a rocha. Tu és filho d'uma prostituta, pois que tua mãe só foi de teu pae e teu pae foi o primeiro a quem ella se entregou, que depois o egoismo do seu amor fez conservar junto a si... A sua carne tinha gozos inusitados que elle demandou primeiro. E se teu pae não fosse d'ella, seria o primeiro que lhe agradasse, o primeiro que a sua carne lhe impoesse, o primeiro que passasse á sua rua. Assim tu és filho d'um operario, como o poderias ser d'um assassino. Podia mais a sua carne do que ella e o seu egoismo foi maior do que a sua carne. «A vida é uma lucta brutal». (1)

Tu crês em Deus? Crês sim, que bem no sei. Pois bem, vae dizer-lhe que eu que o odeio com toda a força do meu odio. Tu que te dás com elle, que crês nelle, que és amigo d'elle, vae dizer-lhe que elle é mais vil que as coisas vis. Vae-lhe dizer que eu que o odeio, porque elle deixou morrer aquella creatura aqui do lado cujos seis filhos abandonados me vieram comer o meu jantar. Vae-lhe dizer o odio que eu lhe tenho, por elle deixar morrer aquella justo que por ser bom teve que se matar, diz-lhe finalmente que nada d'isto se deve fazer quando se é Deus. Que me odeie agora tambem, porque eu dei o jantar aos pequenos que o não tinham, que me odeie porque a ultima camisa a dei a um pobre que quasi m'a roubou, que me odeie porque eu o castigo como no outro dia castiguei um velho que maltratara um cão. Anda, vae-lhe dizer que me odeie, que me avilte ainda mais se é capaz...

Como vossês todos são canalhas, geração de cobardes...

Oh! não ter eu muito, muito que dar a este pequeno miseravel que agora me bate á porta, para que elle, recebida a esmola, me chame o mais vil que o sol cobre, o mais canalha de todos, o mais indigno, o mais bandido.

Elle não se engana. Lá tem o seu raciocinio, a sua philosophia que não falha nunca. Dei-lhe tudo o que tinha e todavia elle vae a resmungar baixinho que um dia, um dia que virá cedo, me virá bater á porta com uma coronha e que me hade fuzilar a mim o maior dos patifes que o soccorri.

Vae-se embora a pensar que se fosse rico, havia de azorregar toda essa ralé que pede esmola e toda aquella que dá tudo o que tem.

E scisma em ser um dia o maior dos Neros que o mundo tem visto; em ter um chicote com que podesse d'uma vez só azorregar o mundo, elle cujo corpo deveria ser balouçado no candeiro alli defronte. De trinta mendigos a quem

(1) Turgueneff.

dei esmola hão-de nascer noventa patifes para me apedrejar.

Abençoada esmola. Mas explica-se, é que a minha esmola — esmola humana — fecunda lá dentro todo o meu cynismo e a minha canalhice.

—Deste-me esmola? muito bem, eu odeio-te. Odeio-te porque eu não posso também dar esmolos, e porque me curvei a ti. Toda a vida tu me fizeste bem, soccorreste-me, agazalhaste-me. Um dia eu — mau como sou — estou por cima. Então eu havia de perder a occasião de me vingar de tudo o que tu me fizeste? Chegou o meu dia. Agora, meu velho, eu sou maior, ouves? Eu dobrei-me e tu soccorreste-me, mas eu dobrei-me. Eu era um faminto e tu sentaste-me á meza, mas eu dobrei-me. Tive fome, tu encheste-me, tive frio, tu agazalhaste-me, irritante tu, sempre tu.

Eu não podia vingar-me, mas agora chegou a minha vez, ó pulha, bandido.

Acredita, que todos aquelles a quem fazemos bem nutrem lá dentro a secreta esperança de um dia nos correrem a pontapé. Logo no primeiro dia em que não temam desconjunctar a bota, quando o fizerem, percebees?

Escutáste? Vem, se te sentes com forças. Demais és pobre. Então para ti a vida é tudo isto e tudo o mais que tu tiveres coragem de inventar. «O pobre será odioso até ao seu parente mais chegado (1)», que «não merece carinhos quem não tem para caldo (2)», ouves? Tu virás e triumpharás. Tu serás mau, e cynico e traidor.

A vida! «Seria loucura, na verdade, conservarmos alguns sentimentos compassivos quando vivemos em semelhantes cavernas (3)».

A vida é uma canalhice, uma farçada, uma luta brutal diz alli o Turgueneff.

1903.

(INÉDITO)

(1) Proverbios XIV — 20.

(2) Silva Pinto — Neste valle de lagrimas. — 287.

(3) M. du Camp. — Memorias d'um suicida — 104.



DOMITILLA DE CARVALHO

SONETO

Oh! noite, escura noite! sobre mim
Deixa cahir teu manto de velludo.
E's o alegre canteiro do jardim
D'este sonho d'amor em que me illudo.

Adoro o teu mysterio e o mudo
Adormecer das coisas, bergantim
Em que a dôr se distráe! Piedoso escudo
Com brandas maciezas do setim!

Noite bem dita, oh! noite de quebranto!
Eleva-me a sonhar pelos espaços
Nas pregas carinhosas do teu manto.

Eu sou quasi feliz adormecida
No estofo macio dos teus braços
Noite escura, santissima guarida!

Coimbra.

(INÉDITO)

ALFREDO GUIMARÃES

JESUS...

Ao Arnaldo Pereira

Teu grande coração, ó lyrico Judeu,
Habitado ao tédio, habituado ao pranto,
Tornou-se casto pó — e tanto padeceu —
No choroso lugar d'um mudo campo-santo.

Até teu corpo magro, ó triste, apodreceu...
Ve lá se, feito terra, o vês em algum canto.
Ai anda a soluçar, e que divino pranto!
Chora flôres de lucto olhando o frio ceu.

Disseste o nome d'ouro, o nome de carinho,
Ao padre vendilhão, ao roto pobresinho,
E se este t'o amou, aquelle t'o vendeu.

Até teu nome lindo agora anda perdido!...
Quanto melhor, Jesus, fóra não ter nascido
Teu grande coração, ó lyrico Judeu.

M.CM.III.

(INÉDITO)



CARVALHO BARBOSA

NOITE

(EXCERPTO)

O' Noite amiga, ó Noite abençoada,
Na solidão d'esta existencia escura,
Tu és, ó Noite, a minha Madrugada!

Que de olhar sempre a negra desventura
Nem tenho olhos já p'ra luz do Dia,
Vejo sómente a minha sepultura!

O sol, o ardente sol que me aquecia
Vinha d'uns olhos negros que perdi
Dôces como uma santa Alleluia!

Mas se essa esperança azul que nelles li
Ficou commigo, porque pêno agora?
Porque me sinto tão sósinho aqui?

Ai tantas noites sem romper a aurora,
Ai tanta aurora sem raiar p'ra mim,
Tanta amargura pela Vida fóra...

Inda não vi um pobresinho assim:
Pobre d'amôr's e rico de cuidados...
— Quem quer martyrios d'este meu jardim?

Dias d'amôr's e pênas, já passados,
Como vos esquecer se nunca tive
Dias na Vida mais desventurados?

Povoa de Varzim.

(INÉDITO)

SYLVIO RAMOS

Impressões

N'aridez das selvas e na nudez completa das arvores, nostalgicamente tristes, de braços abertos para o ceu cinzento, ha, em outubro, uma melancholia dolorosa e uma tristeza evocativamente profunda: folhas sem viço, amarelladas e seccas, petalas de flôres lindas, Saudades e Lagrimas, Suspiros e Goivos, Açucênas de neve que morreram, Dhalias de purpura que se desfizeram, andam p'lo ar em turbilhões immensos, errantes como loucas, vagabundas, inquietas.

No chão, perto das paredes musgosas, aonde as Violetas cresceram e floriram, junto dos corêgos mormurosos, em cujas aguas de prata tantas vezes a lua se remirou, ha immundicies barrentas que as enxurradas p'ra alli arrastaram em noites de tempestades horribeis.

Anda o vento aos gritos p'las serras desertas, o ceu chora lagrimas sentidas de dôr lacerante, as almas dos desgraçados sem pão e arrimo, d'olhar supplicante e faces pallidas, gemem p'las ruas enlameadas, choram, loucas de dôr, as suas desditas em noites longas d'inverno, p'los vaus das portas fechadas, p'los recantos aconchegados das viellas.

Setembro caminha p'ra tristeza e p'ra melancholia dolorosamente immerso em nuvens negras, enluctado e lacrimoso. Lembra já outubro.

Regressam das praias, aos bandos, como andorinhas d'azas d'ebano, chilreantes e alegres, familias inteiras que tinham fugido ao sol causticante d'agosto, como as andorinhas fogem em dezembro aos frios insupportaveis da quadra invernãl.

Chegam ás revoadas, saudosas das pequeninas ondas que, de manhã cedo, na praia, lhes beijavam os pés, bellezas femininas que nos tinham deixado numa tristeza dolorosa.

Regressam ao aconchego do lar, com saudades da frescura das ondas espumantes e da vida serena da praia, as deidades de cabellos esparsos e olhos meigos que se deixaram enlaçar p'las aguas do mar immenso, do mar largo...

E todos os dias, de manhã 'té á noite passam alli p'la rua carros e carros repletos de báhús de folha envernizada, cantaros enferrujados, fardos de roupa suja, caixotes com pequenos utensilios, lonas de barracas, malas, trouxas...

E em breve, á tardinha, os nossos jardins, avenidas e largos, recuperarão o movimento costumado, encher-se-hão de vida e de concorrência.

*

E' moda ou mal da epocha fugir para as praias e p'ros campos logo que chega agosto.

E todos vão com a moda, deixando o ar viçado das cidades p'lo confortador e benefico das aldeias e das praias, trocando a vida dos centros p'la solidão dos campos ou p'lo viver doce e delicioso da beira-mar.

Noz campos as noites de luar branco passam-se de janellas abertas para o ceu coalhado de estrellas, evocando imagens antigas de antigos idyllios ternos e doces; nas praias passam-se os dias, olhando o mar immenso no seu soluçar eterno.

Chega setembro, cobre-se o ceu de nuvens

pardas, a aragem torna-se refrigerante, e tudo regressa ao conforto dos lares, deixando o mar a soluçar e os campos sem flôres e sem folhas, sósinhos, desertos.

Setembro caminha p'ra tristeza e p'ra melancholia, dolorosamente immerso em nuvens negras, enluctado e lacrimoso. Lembra já outubro.

E tudo regressa aos lares. As praias ficam sósinhos.

22 de setembro.

(INÉDITO)



ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA

CORAÇÃO SINHO

Ao conde d'Arnoso

Coração novo
Dias de estrella,
Meu innocente,
Toma cuidado!
Coraçõesinho
Toma cautella,
Ai não te fies
N'essa loquella
Nas falas mansas
D'um namorado.

Ai não te fies,
E' prejuizo!
Em lindas falas,
Em lindo modo:
Corações moços
Não têm juizo!
E sou leal
Dando-te aviso
Contra os Poetas,
Doidos de todo...

Olha que os homens
São enganosos
São traçoeiros
Na maior parte.
São estudantes
Estudiosos:
Suas cartilhas
Olhos formosos...
Como elles enganam
Com toda a arte!

Que importa a esperança?
E' traçoeira.
Juras de amor?
O amor engana.
Põe ante os olhos,
A' cabeceira
Aquellas cartas
Da triste Freira
Que teve o nome
De Marianna...

Oh foge, foge
Coraçõesinho,
Da tua sina,
Do teu condão:
Vês a serpente

No teu caminho ?
Oh, bate as azas,
Meu passarinho !
Que nem teus olhos
Poísem no chão.

Ha alegrias ?
Só verdadeiras
São as tristezas,
A morte e a dôr.
Olha que as almas
São como freiras,
Por entre as grades
Namoradeiras !
A namorarem
Nosso Senhor.

E' uma maldade ?
E' consciencia
Coraçãozinho,
Repara em mim...
Ai custa, custa !
Tem paciencia,
Que foi meu Mestre
Nesta sciencia
Triste Poeta
Dom Bernardim.

Mas olha o fado
Meu inimigo !
Sou como os padres
A confessar :
«Deixa o que faço
Faz o que digo...»
Renego amores,
Ralho contigo :
E tenho alma
Só para amar !

Já me desdigo
Disse loucuras.
Sou conselheiro
Pouco leal.
O Amor foi dado
A's creaturas
Como as estrellas
São ás alturas :
Nada mais santo,
Mais natural.

1901.

(Do livro no prelo : Rai?)



MARIO FLORIVAL

LAGRIMAS DE MÃE

Ha lagrimas d'orvalho que as auroras
Vão offerter aos mil jardins virentes ;
Ha lagrimas sentidas que a deshoras
Caem, a flux, das faces indigentes.

Ha lagrimas crueis, esmagadoras,
A'vidas de vingança, ou insolentes ;
Ha lagrimas fingidas e traidoras
Que envenenam as almas innocentes.

Oh! mas lagrimas puras como o lyrio,
Nobres, d'eterno amor e de martyrio
Onde se espelhe a luz de sã verdade,

Ide-as buscar ás almas crystallinas
Das mães, d'essas estrellas matutinas
Que vão guiando a nossa mocidade!

EUGENIO DE CASTRO

O AMOR E A SAUDADE

O Amor teve uma filha á qual chamou Saudade.

Vendo-a crescida,
Vendo-a na idade
De entrar na vida,
Disse-lhe assim um dia :

— «Já estou velho, já vejo cair neve,
«Já sinto a alma fria,
«E no corpo entrará tambem o frio em breve...
«Vejo, á noite, negrimes de athaúdes ;
«Tudo é inverno, p'ra mim ; abril, acho-o grisalho...
«Velho e doente, é justo, filha, que me ajudes,
«No meu trabalho.
«Auxilia-me pois! Quando os amantes,
«O seio contra o seio,
«Stão enleitados num tão doce enleio
«Que as longas noites tomam por instantes,
«Ao pé d'elles me querem sempre, e assim,
«Se, p'ra deixal-os, já cansado, estou,
«Começam a chamar por mim,
«A perguntar-me para onde vou...
«Nunca me deixam, nunca estou tranquillo!
«Como o trabalho é rude, d'hoje em deante,
«Decenos repartil-o,
«Que eu já me sinto fraco e vacillante...
«D'hoje em deante, irei deitar os namorados,
«Mas tu, Saudade! junto d'elles ficarás,
«E ao chamarem por mim, em gritos suffocados,
«Fingindo a minha voz, tu lhes responderás...
«Fazem-me louco
«As noites perdidas,
«E assim já poderei dormir um pouco,
«E recobrar até as minhas cor's perdidas...
«Vamos, são horas! O velho sol já se sumiu
«E a lua já rompendo vae...

E a Saudade partiu
Atraz do Pae...

Desde esse dia, ó dôr!
Os que se beijam com voluptuosidade
Adormecem ao pé do Amor
E acordam junto da Saudade...

Coimbra, 5 de outubro de 1891.



(INÉDITO)

RAUL PIRES

CHRONICA DE LISBOA

A's horas de refeição, tenho sempre o costume de ir lendo ao acaso um qualquer jornal. E digo um qualquer jornal, porque todos elles, pouco mais ou menos, dizem a mesma cousa. Vou lendo, indifferentemente. Aqui, topo com uma noticia de mais interesse; além, com um facto mais invulgar. Mas tudo prenhe d'uma charrice revoltante, d'um perfeito desnudamento de ideias, d'uma ausencia completa de sentimentos. Tudo o mesmo. Salamaleques perante uma adiposa pança conselheiral, cerviz como arco de pipa em reverencia aos bem cotados da sociedade. Acontecimentos, comezinhos na realidade, são relatados num desvario de prosa, se assim convém aos interesses materiaes d'esse jornal. Enchem-se columnas em blandicias realengas, no relato d'um arraial, num jantar d'annos. Dôres, miserias, lagrimas, não prendem ao jornal muita attenção: duas, tres, quatro linhas de prosa in-sossa.

Pois se o publico ledor quer que se lhe satisfaça a sua bisbilhotice ignorante, e não se preoccupa com factos tristes!... E o jornal accomoda-se, não vão os *dez reis* para outro lado...

Por isso nós vemos a imprensa portugueza — com honrosissimas e pouquissimas excepções — transformada numa perfeita bandalheira. Não se nota num jornal uma alma a vibrar, nota-se um estomago a moer; não ha consciencia, ha interesse; não ha vislumbres de brio, ha demonstrações de fome! Sim, de facto, a imprensa está transformada numa casa de negocio, a rivalisar com a mercearia ou com a sapataria.

Todas estas considerações me acudiram á imaginação, ao lêr, entre uma noticia de façadas e um caso de fogo posto, a prisão d'umas pequenas vadias de 8 a 10 annos!

Ah! meus amigos, não calculam como todo o meu ser freuiu numa explosão de revolta! E' que eu antevi naquella resumida local, um mundo tragico de soffrimentos! E a noticia assim, tão simples, tão fria, parece que mais me chocou, que mais fez vibrar todas as cordas do meu sentimentalismo! Tão pequeninas e já a ascenderem na escola do vicio, a polluirem as juvenis almas na lama escoante dos pantanos sociaes!

Quantas, áquella hora, em que ellas se viam entre as grades d'uma cadeia, os corpinhos estiraçados na madeira d'um banco, não teriam uma mão amiga a afofar-lhes os cabellinhos loiros, não teriam um regaço materno a conforta-las! Quantas não brincariam descuidosas e felizes, quantas, petulantes e garridas, não andariam a pavonear-se nos seus luxuosos vestidos de velludo! Quantas!...

Filhas, talvez, da satisfação brutal d'um desejo, foram lançadas á margem como seres inuteis e estouvadores. E ei-las, então, pobres avesinhas implumes, a conhecerem bem cedo toda a torpeza, toda a infamia que exteriorisa uma humanidade falha de sentimentos e de intellecto!

Viram-se sós! Sós!... Como tanto tem de spectral e algido esta pequena palavra! Lembra a mudez d'um tumulo, a aridez d'um deserto!

Sós... aos 8 annos! Que fazer? Pediram pão, tinham fome. Deram-lh'o. E foi, então, aquella a sua vida de sempre. Dormiam, talvez, no desvão d'uma escada, e, manhã cedo, estavam já promptas a seguir na vida continuada — vida de resignação e de dôr.

Mas um dia surge-lhes pela frente um homem agaladoo que o preconceito social designou chamar-se — *policia*, e desapiedadamente, em nome d'uma lei infame, lança-as no fundo d'uma masmorra, em promiscuidade com gatunos e prostitutas!

E o jornal de grande informação relata o facto numa indifferença banal, porque o espaço não sobra para indicar os nomes fidalgos que passearam na Avenida, em boas carruagens de rodas de *caoutchouc*, tiradas por bellas parelhas de raça, e as riquissimas joias que adornavam o collo purpurino e eburneo d'uma bailarina de fama, presentes de varios banqueiros e marquezes ricos e frascarios!

Que nojo!

PRIMICIAS

J. D'ALMEIDA

MAGOA

Senhora que trazeis avassalado
O coração do meu doente ser,
Numa dôr infinita encarcerado,
E que promete ainda de crescer...

De corpo enfermo, e alma torturada,
Como é que eu poderei assim viver!
Tanto penar se junta no meu nada,
Que receio de vir a apodrecer...

Ouve Senhora a prece que é tão triste...
Mas perdôa — é assim tudo o que é meu,
E tudo quanto aos olhos meus existe.

Mas não assim o amôr que me rendeu,
Porque só na materia a dôr tu viste
Que o Amôr, esse, o amôr, provém de céu!...

Guimarães, 24-9-903.

(INÉDITO).

Dr. João Penha

Temos o prazer de inserir hoje na *Ala-Moderna* uma producção poetica do notavel parnasiano dr. João Penha, que promete continuar a honrar-nos com a sua preciosissima collaboração. E' motivo para nos felicitar-mos e aos leitores.



Cantigas da Luzitania

XIX — Ha já tanto que te adoro,
 Não te pude inda estudar...
 Não sei se és louca ao sorrir,
 Não sei se és louca ao chorar...

ARIOSTO SILVA.

XX — Meus olhos sentem-se presos,
 Mas não choram na prisão;
 Deixal-os andar, deixal-os,
 Presos no teu coração.

ANTONIO FOGAÇA.

XXI — Se eu fosse teu confessor
 Não te dava absolvição;
 Porque p'ra coisas d'amôr
 Nunca se encontra perdão.

VICENTE ARNOSO.

XXII — Saudade, minha alegria,
 O ter-te não me faz mal.
 Tu és a Virgem Maria
 Das almas de Portugal.

ALFREDO GUIMARÃES.

XXIII — Fecha as janellas do quarto,
 Quando te fôres deitar,
 Que no quarto d'uma virgem
 Nem o luar deve entrar.

JOÃO LUCIO.

XXIV — Dá-me um beijinho, que eu peço?
 — Isso sim! — Furto-lh'o então!
 — Não que eu metto-o num processo
 Pelo crime de ladrão!

ANTONIO NOBRE.

XXV — Não quero amor estudante,
 Pois tenho cá para mim
 Que é sempre melhor amante
 Quem nunca aprendeu latim.

MANOEL DE MOURA.

XXVI — Finge o tempo de moleiro
 E a vida de moleirinha;
 Brinca o tempo com a vida
 Enche-a toda de farinha.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO.

XXVII — Lagrimas tristes de dôr
 Quem ha que não tenha chorado?
 — Só quem não sabe o que é amôr,
 — Só quem nunca tenha amado.

F. NEVES PEREIRA.

XXVIII — Vinde ouvir as lindas trovas
 Que eu canto á noite na rua:
 — Loiras, eu fallo de estréllas!
 — Morenas, fallo da lua!...

JULIO BRANDÃO.

XXIX — Num mar feito de suspiros,
 Sem ter leme nem esteio,
 Ando em busca do Amor
 Num baixel — o Devaneio!

MARIA IZABEL GAMITO.

XXX — Rosa branca, rosa branca,
 Tambem rosa quero ser,
 Quero beijar os teus labios
 Até mais não poder ser.

SOUSA VIEIRA.

XXXI — Lindas noites de luar!
 Os sonhos vão-se formando,
 E as almas das raparigas
 Batem as almas, cantando...

LUIZ OSORIO.



NOTAS A LAPIS

O nosso presado collaborador e amigo Arnaldo Pereira conseguiu do distincto poeta dr. Julio Dantas o formoso inédito que honra hoje as paginas da nossa revista, devido à penna d'ouro do brilhante Artista da *Ceia dos Cardeaes*.

*

Albino Forjaz de Sampayo, o talentoso poeta do *Versos do Reyno*, cedeu, para a *Ala-Moderna*, a pedido do nosso camarada e seu amigo Alfredo Guimarães, o valioso *Prologo* do seu futuro estudo litterario — pathologico — *Do Suicidio*.

*

Breve honra a *Ala-Moderna* a collaboração dos distinctos escriptores Carlos Malheiro-Dias, Ribeiro de Carvalho, Antonio Corrêa d'Oliveira e Ladislau Patricio.



Livros para o prélo

Amôr de Mulher, — Carlos Malheiro Dias. *Historia d'um Fogo-Morto*, — José Caldas. *Eça de Queiroz e a escola realista*, — Augusto de Castro. *Raiç*, — Antonio Corrêa d'Oliveira. *Biblia do Povo*, — Thomaz da Fonseca. *Dôr Obscena*, — Arnaldo Pereira. *Campesinas*, — Julio de Lemos. *Sonetos*, — Antonio Carvalhal. *O Poente da Morte*, — Albino Forjaz de Sampayo. *Mar Tenebroso*, — Ribeiro de Carvalho. *Eu*, — Alfredo Pimenta. *Vida de Nossa Senhora*, — Fausto Guedes Teixeira. *Ultimas Lyricas*, — Ariosto Silva. *Sol*, — Alfredo Guimarães.